



EDITORIAL

A pesquisa no Brasil na área do paisagismo está em franco progresso. Existem hoje cerca de cinco dezenas de pesquisadores desenvolvendo trabalhos de mestrado e doutorado, que quando concluídos se somarão às quase três dezenas de pesquisas finalizadas, estando algumas já publicadas total ou parcialmente.

Estas pesquisas seguem basicamente 04 grandes linhas, uma de caráter teórico abrangendo formulações básicas para o entendimento das posturas sociais perante a paisagem nacional, uma outra de caráter historicista, buscando as origens do projeto paisagístico brasileiro, a terceira desenvolvendo o conhecimento da paisagem urbana e a quarta se atendo ao planejamento paisagístico.

A maioria destes trabalhos está sendo desenvolvida no eixo Rio-São Paulo, mas a sua abrangência, em termos de conteúdo, é nacional, pois para ele ocorrem pesquisadores de todo o país, devido a nestas cidades estarem centrados os principais centros de pesquisa e o maior número de profissionais trabalhando em paisagismo.

A origem de grande parte destes trabalhos deve-se à iniciativa pioneira da arquiteta e paisagista Dra. Miranda E. Martinelli Magnoli, que no início dos anos 70 decidiu montar na FAUUSP um grupo de ensino e pesquisa de paisagismo. Esta sentia, já naquele tempo, a extrema necessidade do desenvolvimento teórico e metodológico da área.

Até então, apesar do grande sucesso nacional e internacional da obra de Roberto Burle Marx e da expansão constante do mercado de trabalho, praticamente nenhum estudo consistente sobre o assunto havia sido feito. Existiam textos isolados de alguns autores como Roberto Coelho Cardoso, a publicação de um outro projeto de paisagismo em revistas de arquitetura e urbanismo e alguns bons livros sobre a obra de Burle Marx como os de Pietro M. Bardi e Flavio Motta.

Paisagismo era só jardim, um entendimento errôneo das muitas colocações dos paisagistas e a discussão do objeto central de estudo e trabalho do paisagismo, o espaço livre

inexistia. Hoje mesmo é comum, entre o grande público e mesmo entre o público dito entendido no assunto, esta confusão, considerando-se o jardim como o objeto central do paisagismo.

A grande mudança se deu em termos de postura, Miranda E. Martinelli Magnoli não só formou um centro de estudos, mas apoiada em literatura extensa, adequada e de vanguarda, formulou o conceito-chave para o paisagismo nacional, o de espaço livre de edificação, que delimitou de modo claro o nosso objeto de trabalho e estudo. Este conceito foi sintetizado na sua tese de livre-docência defendida em 1983 na FAUUSP, intitulada "Espaços livres e urbanização – uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana" Esta tese foi fruto de um projeto de pesquisa de porte, que desenvolveu durante alguns anos e do qual tive o prazer de tomar parte, coordenando as equipes de trabalho de campo. Durante cerca de dois anos, sobre sua direção, foram coletados dados sobre espaços livres urbanos da cidade de São Paulo: áreas de lazer, estruturas de circulação e acesso, e o sistema de parques metropolitanos, etc. Estes foram analisados e serviram de base para o estabelecimento de um método de análise da paisagem urbana, utilizado depois por todo o país (por exemplo o uso das chamadas máscaras de espaços livres) e como referências espaciais para os conceitos formulados. Estes conceitos e métodos, antes mesmo de codificados em escrita, foram sendo apresentados a turmas de alunos de graduação, que os aceitaram e utilizaram.

Destas turmas saíram muitos dos atuais pesquisadores e professores de paisagismo como Claudio Goya, Helena Degreas, Fabio M. Gonçalves, Eugênio Queiroga e muitos outros, que juntamente com uma série de arquitetos de outros estados e mesmo de São Paulo se aproximaram da então jovem e não reconhecida área de paisagismo da FAUUSP, e hoje se constituem em elementos criadores e difusores do conhecimento ali desenvolvido.

Os professores da área eram Eleonora Seligmann (que abandonou o grupo anos mais tarde), Ayako Nishikawa (até há pouco tempo arquiteta da prefeitura de São Paulo e

autora de um dos mais importantes projetos paisagísticos da cidade – o do Brasilinvest Plaza), Sun Alex (arquiteto paisagista e professor atuante na área), Maria Angela Faggin Pereira Leite (autora do livro *Destruição ou desconstrução? Questões da paisagem e tendências de regionalização*) e Silvio Soares Macedo. Destes só os dois últimos se encontram ainda na equipe, da qual a própria professora Miranda está hoje afastada, apesar de ainda colaborar de um modo decisivo na nossa pós-graduação. Destes professores todos, a exceção de Eleonora, finalizaram seus trabalhos de mestrado e os dois últimos se encontram na ativa dentro da FAUUSP desenvolvendo projetos de estudo e pesquisa.

Ao conceito base: *espaço livre de edificação* foram incorporados vários outros como o de *tecido urbano*, *desenho da paisagem* e *espaço livre de urbanização*, este último utilizado como estrutura básica para a discussão do planejamento paisagístico e ambiental.

A mudança fundamental foi feita, realmente, ao se colocar o espaço livre como objeto central de estudo e projeto do paisagismo e não mais a vegetação ou o jardim, como até hoje muitos desavisados ainda consideram. Este posicionamento foi “chave” e permitiu o desenvolvimento de uma série de reflexões sobre a questão da paisagem urbana brasileira. A princípio somente se fizeram estudos sobre a metrópole de São Paulo, que pouco a pouco foram expandidos sobre vários pontos do país e vários níveis e escalas de abordagem.

Outra mudança no enfoque foi feita em relação ao conceito de paisagem, até então tratada como um mero elemento visual, com estudos baseados em percepção visual e cujos autores principais (como Cullen, Lynch, Ashihara e outros) até hoje muito influenciam os estudiosos, arquitetos ou não.

Esta mudança se deve, e de novo, muito à inquietação da Dra. Miranda E. Martinelli Magnoli, que convidou o geógrafo Milton Santos, no início dos anos 80 e recém-chegado da França, a participar de palestras e disciplinas de pós-graduação. Seus conceitos e idéias influenciaram toda a

geração de estudantes de pós-graduação da época, como Paulo Renato Mesquita Pellegrino, Maria Angela Faggin Pereira Leite e outros e principalmente Miranda, que tanto como aluna, como parceira e professora de Milton Santos, desenvolveu novos conceitos e os transmitiu a seus alunos tanto de graduação, como pós-graduação.

Hoje, Milton Santos é uma das referências básicas para o entendimento das bases conceituais do paisagismo, pois seu entendimento da paisagem a coloca como objeto social produzido e não mais como mera imagem, a qual se atribui um valor estético qualquer.

Outros autores direcionaram os estudos nestes tempos, que hoje se pode classificar de heróicos, como Michael Laurie e John T. Lyle (este “descoberto” por Paulo Pellegrino), que influenciaram tremendamente a formulação dos conceitos, se acrescentando aos já tradicionais Lawrence Halprin, Garret Eckbo e Ian McHarg.

Estes nomes, basicamente de autores norte-americanos, refletem uma forte identificação com métodos e conceitos desenvolvidos pelos centros de estudo paisagístico dos E.U.A., país onde o paisagismo possui tradição centenária e é uma área de conhecimento e ação de extrema importância.

A influência européia é inexpressiva no campo teórico moderno, principalmente devido a falta real de estudos e ensaios sobre o assunto. Na Europa, entre os países onde se tem um desenvolvimento da área, pode-se destacar França, Inglaterra, Alemanha e Espanha, a maioria no campo projetual.

Os três primeiros possuem bons centros de estudo, mas pouca é a literatura realmente disponível e adaptável às nossas necessidades. Nestes países, como aliás em toda a Europa é muito importante o setor restauração e conservação, especialmente de jardins e parques e as oportunidades da criação de obras de vanguarda é restrita. Nos últimos anos, com as grandes obras de reurbanização de Paris e Barcelona, uma série de novas criações espaciais foram

feitas, especialmente em espaços públicos e suas imagens têm tido larga divulgação, influenciando muitos projetistas por toda a parte do mundo e iniciando a formalização de textos sobre o assunto.

Estas duas cidades contêm, talvez dos melhores exemplos do pós-modernismo europeu, verdadeiros paradigmas para todos. No Brasil, a última gestão da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro contratou uma assessoria catalã para seus novos projetos em áreas centrais. Esta influência é flagrante nos elementos projetuais como esculturas e colunatas de diversos projetos contemporâneos brasileiros como a praça Itália em Porto Alegre ou a praça do Ferreira em Fortaleza.

Os estudos alemães, apesar de importantes, têm uma difícil penetração no país, em especial devido às dificuldades da língua. O geógrafo paisagista Felisberto Cavalheiro e seus colegas do curso de geografia da USP/São Paulo baseiam-se largamente em seus paradigmas nos seus trabalhos e pesquisas.

A literatura que nos chega às mãos é hoje bastante diversificada e já é possível o acesso a informações bastante claras sobre a evolução do paisagismo urbano ocidental. Este foi formalizado, nos moldes que o conhecemos na atualidade, nos Estados Unidos, França e Inglaterra, já a partir do final do século 18. Nos dias de hoje, este influencia de um modo radical os países em desenvolvimento da Ásia, o Japão, o Canadá e a Austrália, e encontra sua maior matriz geradora nos Estados Unidos.

O desenvolvimento hoje alcançado no Brasil em termos de pesquisa está praticamente emparelhado àquele alcançado pela área da arquitetura paisagística, mas carece ainda de uma divulgação expressiva dos trabalhos já concluídos e mesmo daqueles em processo de formalização. Poucos são os textos de porte que se conseguiu editar, destacando-se o de Hugo Segawa "Do amor ao público" (SP) que apresenta o paisagismo brasileiro no século 19, o de Carlos Terra sobre a obra de Glaziou, também referente ao século 19, em edição da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o já citado livro de Maria Angela Faggin Pereira Leite.

Pode-se afirmar que hoje é possível traçar um quadro do paisagismo no Brasil, perpassando por seus principais autores e projetistas, do século 19 ao século 20 e este quadro nos mostra uma busca de identidade projetual, teórica e metodológica dos grandes nomes do passado como Glaziou, Villon, Dieberguer, Cardoso e Burle Marx como dos autores em atividade como a própria Miranda, os paisagistas Fernando Chacel, Rosa Kliass, Benedito Abbud, Luciano Fiaschi, Lucia Costa, Vladimir Bartalini, Vera Tangari, Alina Santiago, Leticia Hardt e muitos outros, que nas suas diferentes instâncias de atuação têm contribuído para a consolidação do paisagismo como área de conhecimento e projeto.

Os cursos de extensão são comuns, tanto em nível de instituições universitárias, como em órgãos de classe (como os promovidos por diversas seções regionais do Instituto de Arquitetos do Brasil) ou de entidades públicas e privadas. O seu escopo varia do ensinamento de rudimentos projetuais, muitas vezes simples jardinagem até o ensinamento de fundamentos teóricos e métodos de projetos e se sente a necessidade cada vez maior do estabelecimento de cursos de especialização permanentes neste contexto.

O próprio termo paisagismo está já um tanto desgastado e considero mais conveniente o uso dos termos arquitetura paisagística e planejamento da paisagem, que de um modo mais preciso designam estas duas escalas de abrangência do paisagismo – o urbano e o regional. Este último possui um viés estritamente ambiental, que aqui no Brasil deriva diretamente dos métodos, conceitos e técnicas desenvolvidos na Costa Leste Americana e são adaptados à realidade nacional.

Este número da revista traz uma coleção de artigos de grande importância, resultado da experiência de alunos, de nossos pesquisadores mais tradicionais e introduz ainda o trabalho de jovens autores como Brutus Abel Pimentel, Cintia Maria Afonso, Marisa Dantas Bitencourt, J. Nucci, novos e jovens pesquisadores, mas todos de um alto rigor em seus trabalhos.

Apresentamos então quatro seções, com os seguintes conteúdos:

1 História – contém 02 artigos de escopo bem diverso. O de Marcia Halluli Menneh nos traz uma revisão histórica dos padrões paisagísticos e urbanísticos dos conjuntos habitacionais gerados dentro dos cânones do urbanismo moderno e o de Brutus A. F. Pimentel que nos traz uma síntese da evolução do projeto do jardim residencial na cidade de São Paulo, desde a sua formalização no meio do século 19, até os nossos dias, extraído de uma pesquisa realizada para a Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo.

2. Fundamentos – trazendo trabalhos Eduardo Yázigi e Maria Angela Faggin P Leite, o primeiro discutindo a personalidade dos lugares, a criação de não lugares, dos cenários temáticos, e o segundo colocando questões básicas sobre o conceito de lugar.

3. Meio Ambiente – compreende um texto de autoria de Cintia Maria Afonso e Marisa D. Bitencourt introduzindo as técnicas de sensoriamento remoto no planejamento paisagístico e ambiental.

4. Paisagem Urbana – com 03 textos, o de Décio Rigatti nos mostra o processo de transformação da paisagem urbana de um conjunto habitacional, padrão Cohab, no Rio Grande do Sul, pela sua população, o de Felisberto Cavalheiro e J. C. Nucci discute a questão dos índices de áreas verdes e o de Silvio Soares Macedo que apresenta os padrões urbanísticos que definem a paisagem litorânea brasileira.